

A RELAÇÃO DA RELIGIOSIDADE COM AS VISÕES DE MORTE

THE RELATION BETWEEN RELIGIOSITY AND DEATH VISIONS

Ana Carolina Diniz¹
Thiago Antonio Avellar de Aquino²

Resumo: Este trabalho teve como objetivo conhecer as relações entre a religiosidade e as concepções acerca da morte. Participaram do estudo 190 estudantes universitários dos cursos de Direito, Educação Física, Fisioterapia e Psicologia de ambos os sexos. A maioria destes participantes são do sexo feminino (68,9%) e de religião católica (61,6%). Para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos o Questionário de Atitude Religiosa, o Questionário sobre Diversas Perspectivas de Morte e um Questionário Sócio-demográfico. Os resultados apontaram para a existência de correlações positivas entre religiosidade e vida do além, coragem e fim natural. Por outro lado, a religiosidade se correlacionou negativamente com a visão de morte como fracasso. As implicações desses resultados são discutidas e pesquisas futuras sugeridas.

Palavras-chave: Religiosidade, visões de morte, estudantes

Abstract: This paper had as objective to know the relations between the religiosity and the conceptions concerning the death. The participants of this study were 190 male and female academical students from the courses of Law, Physical Education, Physiotherapy and Psychology, most of the participants is female (68,9%) and Catholic (61,6%). For the data collection were used as instruments the Questionnaire of Religious Attitude, the Questionnaire on Several Perspectives of Death and a Social-demographic Questionnaire. The results pointed for the existence of positive correlations between religiosity and life from the beyond, courage and natural end. On the other hand the religiosity was correlated negatively with the death vision as failure. The implications of these results are discussed and future researches suggested.

Key-words: Religiosity, death visions, students

Introdução

As atitudes e as percepções sobre a morte sofreram grandes mudanças ao longo dos séculos o que, por conseguinte, modificou a concepção da vida dos indivíduos (ARIÈS, 1977). De acordo com Moreira e Lisboa (2006), o ser humano sempre buscou desvelar os mistérios que envolvem questões acerca do destino final da vida, e o saber religioso

¹ Psicóloga clínica. Graduada pelo Centro Universitário de João Pessoa – Unipê.

² Professor do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, Doutor em Psicologia Social pela UFPB.

se encarregou de elaborar tais explicações. Já na modernidade, constata-se que o desejo de conhecer a morte tem como escopo dominar e não mais aceitá-la como sendo parte do ciclo natural da vida (KOVÁCS, 1992).

Segundo Kovács (1992) por via da tradição cultural, os indivíduos adquirem concepções sobre a morte e o morrer, e a morte na sociedade ocidental é um ponto central da existência humana, que geralmente está associada à tristeza e sofrimento. Historicamente, a morte foi percebida de diversas maneiras, por exemplo: na Idade Média a morte era algo natural e esperado, possibilitando ao homem a oportunidade de morrer em seu leito, confortado por familiares e amigos. O que era temido era a morte súbita, pois privava o indivíduo de se preparar para a despedida final. Essa visão foi sofrendo transformações no decorrer dos séculos em razão de vários determinantes históricos e culturais (BOEMER, 1986).

Conforme Ariès (1977), nos séculos V e VI, a morte era concebida com pouca dramaticidade e com simplicidade, visto que era um fenômeno que fazia parte do cotidiano do ser humano. Nessa perspectiva, os familiares, amigos e até mesmo as crianças ficavam em volta do caixão por vários dias, para um último adeus. Dessa maneira, no período medieval, a morte era um fenômeno doméstico. Segundo Ariès (1977), o moribundo se preparava para morrer e administrava a própria morte, ela não representava uma ruptura definitiva com relação à vida. Conforme o mesmo autor, para os cristãos a morte era a passagem para uma vida eterna, o que transmitia um sentimento de conforto. Dessa maneira, a morte era percebida apenas como uma separação temporária entre os familiares, pois prevalecia uma continuidade entre vivos e mortos (ARIÈS, 1977).

Segundo a percepção cristã, os sentimentos de dor e perda eram amenizados, pois existia a esperança de um reencontro com os entes queridos. Ainda na Idade Média surgem interrogações sobre a vida e a morte, sobre a ressurreição e a vida eterna, fazendo com que os indivíduos comesçassem a temer pela morte e a ter um amor pela vida, conforme afirma Santos (1993, citado por ESSLINGER, 2004). As transformações foram operando e se reformulando com o desenvolvimento e florescimento da burguesia, para a qual a separação corpo e alma, vida e morte se integram ao pensamento binário da cultura ocidental.

Rodrigues (1995) assevera que os cemitérios ocupavam o centro da cidade, pois os mortos não eram considerados como inconvenientes. Segundo este autor, no mundo medieval a relação com o corpo era aberta, expansiva, indisciplinada, em oposição ao mundo burguês que transformou o corpo humano como um meio para a produção de bens.

Segundo Ariès (1977), com essas mudanças no modo de vida social e econômico, a morte passa a ser exaltada e dramatizada, surgindo as cenas do choro e cerimoniais de luto.

Nos dias atuais, por meio da tecnologia moderna, a morte passou de uma condição doméstica para uma condição tecnicista do hospital, já que no leito de hospital, a luz é artificial, a temperatura é climatizada artificialmente e a vida é mantida por equipamentos técnicos (OLIVEIRA, 2002).

Percepções da morte em diferentes religiões

De acordo com Kovács (1992), o medo é a resposta psicológica mais comum perante a morte tendo em vista que atinge todos os seres humanos. Kubler-Ross

(1998) diz que a morte constitui, ainda, um acontecimento medonho, pavoroso, que causa um medo universal, pois coloca à tona toda a fragilidade humana. Para essa autora, a morte evoca sentimentos diferentes que vão desde a raiva, a tristeza, a barganha, até a negação, podendo ser percebida de diferentes óticas, de acordo com a história de vida, a religião e a cultura dos indivíduos.

Nessa perspectiva, Carvalho e colaboradores (2006) afirmam que os valores e as crenças influenciam a sua preparação para morrer ou para aumentar a dificuldade do enfrentamento da morte. O medo da morte pode influenciar a maneira de agir do homem, tendo a religião um importante papel na maneira de fazê-lo se posicionar perante a morte. Além disso, muitas religiões costumam dedicar ritos sagrados para os seus mortos, pois acreditam que os indivíduos continuam a existir depois de morrerem (COOGAN, 2007). Dessa forma, são os vários pontos de vista sobre a morte nas diferentes religiões.

Para as religiões africanas, há um destino para cada ser humano (odu), que é concluído na morte (Iku). Segundo Silveira (2007):

“É Xapanã quem traz Iku, a Morte, pela mão. O toque de Iku faz com que Bará, o senhor do corpo, o abandone tornando-o imóvel. Emi, o sopro divino, retorna para Olodumare, nosso único Deus. O Orixá ou Orixás ligados a essa pessoa retornam ao Orixá geral e a sua alma é levada por Iansã a um dos nove espaços de Orun, o mundo imaterial onde vivem os Orixás, os ancestrais e Olodumare” (p.12).

Já para as religiões indianas os seres sofrem novos renascimentos, o que é condicionado por meio das leis do Karma. Assim, os seres podem renascer como ser infernal, espírito, animal, titã ou deuses (SCHERER, 2008). Para o Budismo, a morte ocorre quando as oito partes da consciência deixam o corpo: as consciências dos cinco sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato – mais a sexta, que é o sentido mental, que formula as idéias a partir das mensagens recebidas pelos cinco sentidos; a sétima é o centro do pensamento (manas) que pensa, deseja e raciocina, e a oitava é a consciência (alaya). Assim, o processo da morte não acaba com a falência dos órgãos, mas apenas quando a consciência deixa o corpo (YUN, 2008).

Numa perspectiva judaica, há uma grande graça para aqueles idosos que morrem cercados por familiares e amigos e com o *Shemah* nos lábios (SCHERER, 2008). Segundo Wilges (1986), é na terra que o homem decide para onde irá após a morte, através da obediência ou não dos ensinamentos da Tora. Após a morte, os mortos vão para o sheol ou lugar intermediário, e depois do juízo final os que procederam à observância judaica da lei irão para o céu, e os que não obedeceram serão castigados.

No cristianismo, para que o ser humano obtenha a salvação de sua alma após a morte, é necessário que ele se arrependa dos seus pecados e aceite os ensinamentos de Jesus Cristo que sacrificou a sua vida para redimir os pecados da humanidade (WILGES, 1986). A doutrina do cristianismo baseia-se na crença de que todo o ser humano é eterno e que após a morte ressuscitará. (OLIVEIRA, 2008). O céu ou Paraíso é a recompensa para aqueles que amaram e obedeceram à vontade de Deus, enquanto que o inferno é reservado para aqueles que morreram em pecado mortal (WILGES, 1986).

Segundo a doutrina espírita, a morte seria uma espécie de ilusão, posto que o espírito evolui por meio de constantes reencarnações. Segundo Wilges (1986), os espíritos são criados de uma forma simples e ignorante, e evoluem intelectualmente e

moralmente em cada reencarnação até alcançar a perfeição. Nessa perspectiva, não há possibilidade de uma regressão e a rapidez da evolução do espírito dependerá exclusivamente do esforço pessoal. Como foi observado, existem muitas formas de conceber a morte por meio de diversas visões cosmológicas. Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo averiguar as relações entre as visões de morte e a religiosidade em estudantes universitários.

Amostra

Esta pesquisa foi realizada por uma amostragem por conveniência, junto a 190 estudantes universitários, sendo 68,9% do sexo feminino. Os entrevistados eram provenientes dos cursos de graduação em direito, educação física, fisioterapia e psicologia de uma instituição de ensino particular da cidade de João Pessoa (PB). A média de idade foi de 23,6 (DP = 7,0), com amplitude de 17 a 58 anos. Quanto à denominação religiosa 61,6 % disseram participar da religião católica, 18,3 % evangélica, 5,3 % espírita, 10,5 % nenhuma e 4,2% outras.

Instrumentos

Escala de Atitude Religiosa. Este instrumento, proposto inicialmente por Aquino (2005), é composto por vinte itens distribuídos de acordo com os componentes de atitude – afetivo-comportamental e cognitivo. Para responder a ele, a pessoa deve ler cada item e indicar o valor atribuído numa escala intervalar com os seguintes valores: 1 = Nunca; 2 = Raramente; 3 = Às vezes; 4 = Frequentemente e 5 = Sempre. O estudo de Aquino (2005) indicou que a escala apresenta um único fator com uma consistência interna, verificada através do Alfa de Cronbach, de 0,91. Entretanto, para a presente pesquisa foram acrescentados cinco itens, referentes aos movimentos corporais concernentes à expressões religiosas.

Questionário de Percepção de Morte. Foi originalmente construído por Spilka, Stout; Minton e Sizemore (1977) adaptado por Barros-Oliveira e Neto (2004), possuindo 43 itens, que variam segundo o grau de valor do participante de: 1 = discordo totalmente; 2 = discordo; 3 = discordo um pouco; 4 = nem concordo nem discordo; 5 = concordo um pouco; 6 = concordo e 7 = concordo totalmente. A escala possui oito fatores com os seus respectivos alfa de Cronbach, que são: morte como sofrimento e solidão ($\alpha = 0,83$); morte como além da vida e recompensa ($\alpha = 0,94$); indiferença em face da morte ($\alpha = 0,84$); morte como desconhecido ($\alpha = 0,86$); morte como abandono ($\alpha = 0,83$); morte como coragem ($\alpha = 0,83$); morte como fracasso ($\alpha = 0,87$) e morte como um fim natural ($\alpha = 0,78$).

Questionário sócio-demográfico. Foi utilizado um conjunto de itens com a finalidade de obtenção de características sócio-demográficas da população estudada. O instrumento contém questões relativas ao sexo, idade, escolaridade, estado civil e religião.

Procedimentos éticos

O projeto foi previamente submetido à apreciação do comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, tendo sido aprovado sob o protocolo 0020.0133.000-09. Durante a execução do mesmo, foram salvaguardados todos os

procedimentos éticos para realização de pesquisas com seres humanos, previstos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Procedimentos para a coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de forma coletiva, em sala de aula, após a permissão do professor. Os estudantes receberam instruções de como responder ao questionário e foram informados da não obrigatoriedade da participação do estudo. Após assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido, os respondentes iniciaram a responder aos instrumentos que foram anexados em formato de caderno. O tempo médio de resposta foi de 25 minutos.

Procedimentos para a análise dos dados

Após a coleta dos dados, foram codificados os mesmos no programa estatístico SPSS, versão 16. Posteriormente foram verificadas a fatorabilidade das escalas bem como as suas precisões através do alfa de Cronbach. Após este procedimento, realizou-se o teste de correlação de Pearson.

Resultados

Tendo em vista que as escalas aqui utilizadas são pouco conhecidas no contexto em que foram aplicadas, optou-se inicialmente em verificar as propriedades psicométricas das mesmas.

Escala das visões de morte

Inicialmente para a observação dos resultados das visões de morte verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial no conjunto de 43 itens que compõem a escala, o que foi confirmado através dos índices de KMO = 0,77 e o teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2(300) = 3854,59$, $p < 0,0001$. Dessa forma, procedeu-se a uma análise dos componentes principais com rotação varimax fixando oito componentes. Conforme a figura 1, a escala parece ser multidimensional. Assim, oito componentes atenderam ao critério Kaise, apresentando *Eigenvalues* superiores a 1. Já o critério de Cattell, indicado na Figura 1, sugere a presença de oito componentes, parecendo plausível assumir uma estrutura com oito componentes, o que juntos explicam 58,84% da variância total (tabela 1).

Figura 1. Representação gráfica dos eigenvalue visões de morte

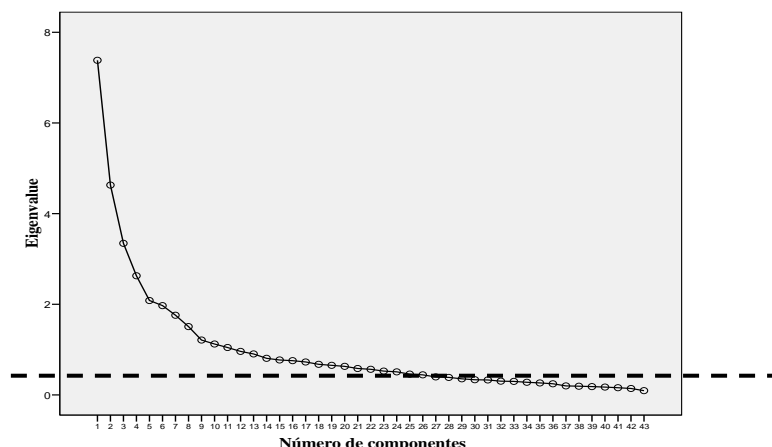


Tabela 1. Estrutura fatorial da escala de visões de morte

Conteúdo dos Itens	Componentes							
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
09. A própria ressurreição e recompensa.	0,81*	0,70	- 0, 22	0, 98	0,06	0, 05	0, 11	0, 17
08. Um limpar e renascer de si mesmo.	0,74*	0,13	- 0,63	0,17	0, 59	- 0, 19	0, 82	0, 60
12. A porta de entrada no céu e felicidade plena.	0, 77*	-0, 93	0, 17	0, 22	0, 53	- 0,49	0, 12	0, 05
11. Oportunidade de deixar esta vida em troca de outra melhor.	0, 76*	- 0, 16	0, 26	-0, 12	0, 13	-0, 30	0, 11	-0, 03
07. A entrada num lugar de total satisfação.	0, 73*	0,07	- 0, 08	0, 14	0, 08	- 0, 01	- 0, 07	0, 04
10. União com Deus e eterna ventura.	0,71*	0, 05	0, 09	0, 22	0, 13	- 0, 09	0, 12	- 0,01
19. O maior dos mistérios.	0, 13	0, 84*	0, 08	0, 03	0, 13	- 0, 04	0, 13	0, 01
22. Um ponto de interrogação.	-0, 10	0, 80*	0, 10	0,04	-0,01	0,15	0,13	0,12
21. Algo sobre que devemos dizer “não sei”.	-0,01	0,78*	0,06	-0,03	-0,03	0,21	-0,11	0,12
18. A maior das incertezas.	-0,04	0,75*	0,04	-0,04	0,03	-0,17	0,06	0,14
20. O fim do conhecido e o princípio do desconhecido.	0,10	0,67*	0,13	0,07	0,01	0,20	0,12	-0,12
23. A maior ambigüidade entre as complexidades da vida.	0,07	0,65*	0,17	0,25	0,10	0,09	0,10	0,12
25. Abandonar aqueles que amamos.	0,04	0,10	0,73*	0,07	-0,01	0,17	0,14	-0,19
26. Razão para se sentir culpado por não poder continuar a ajudar a família.	0,02	0,07	0,73*	0,18	0,01	0,28	-0,15	0,18
28. Deixar a família entregue à sorte.	0,11	0,02	0,69*	0,06	0,01	0,19	-0,18	0,01
27. Razão para se sentir culpado.	-0,01	0,14	0,65*	0,10	0,06	0,10	-0,21	0,21
24. Deixar os que dependem de nós sujeitos às dificuldades da vida.	0,10	0,17	0,59*	-0,05	0,07	-0,03	0,14	0,12
35. Um acontecimento que impede realização do potencial.	-0,02	0,10	0,49	0,06	0,18	0,40	0,13	-0,05
32. Uma oportunidade para uma grande realização.	0,39	-0,02	-0,09	0,75*	0,04	0,06	-0,04	0,06
33. Um tempo para recusar a humilhação e a derrota.	-0,06	-0,08	0,11	0,69*	0,19	0,09	0,03	0,07
34. Um teste ao compromisso em relação aos valores pessoais da vida.	0,10	0,08	0,20	0,68*	0,20	0,02	0,23	-0,06
31. Um grande momento de verdade para si mesmo.	0,42	0,03	-0,01	0,62*	0,14	-0,01	0,17	-0,06
29. Uma oportunidade para provar que lutamos por algo na vida.	0,24	0,25	0,16	0,58*	-0,03	0,05	-0,01	0,14
30. Uma ocasião para mostrar como podemos enfrentar o último teste da vida.	0,37	0,18	0,02	0,49	0,16	0,16	0,16	0,01
05. A última angústia e tormento.	0,20	-0,02	0,04	-0,07	0,79*	0,13	0,03	0,10
01. O último momento de agonia.	0,21	0,11	0,07	-0,04	0,72*	0,12	0,07	0,04
04. O destino de cair na beira da estrada.	0,04	0,05	-0,09	0,28	0,69*	0,14	-0,09	0,24
03. A última miséria.	-0,03	-0,07	0,15	0,18	0,66*	0,07	-0,11	0,10
02. O fim de um tempo de isolamento.	0,02	0,10	0,05	0,24	0,63*	-0,01	-0,08	0,11
37. O fracasso pessoal na procura do sentido da vida.	-0,05	0,06	0,18	0,08	0,03	0,77*	-0,10	0,08
38. A destruição da última oportunidade de plena realização.	-0,06	0,04	0,32	-0,02	0,24	0,75*	0,06	0,02
39. A derrota na luta por ser bem sucedido e alcançar os objetivos.	-0,08	0,08	0,08	0,21	0,14	0,72*	-0,02	0,08
36. O fim das nossas esperanças.	-0,09	0,09	0,28	-0,22	0,06	0,59*	0,10	0,12
06. Uma experiência de solidão.	0,17	0,29	-0,17	0,23	0,36	0,40	-0,04	0,06
41. O ato final de harmonia com a existência.	0,19	0,16	0,04	0,20	-0,07	0,30	0,25	0,10
42. Um aspecto natural da vida.	0,10	0,05	-0,08	0,03	-0,06	0,02	0,90*	0,06
43. Parte do ciclo da vida.	0,12	0,13	-0,09	0,12	-0,06	-0,03	0,85*	0,06
40. Uma experiência que chega a todos devido à passagem natural do tempo.	0,14	0,134	0,05	0,14	-0,04	0,05	0,70*	-0,09
16. Nem temida nem bem-vinda.	-0,05	0,17	0,18	-0,11	0,15	-0,02	0,22	0,68*
17. Coisa indiferente de uma forma ou de outra.	-0,03	0,11	0,25	0,10	0,15	-0,05	-0,06	0,68*
15. Algo pelo que devemos ficar indiferentes e esquecer.	-0,03	0,16	-0,15	-0,03	0,13	0,12	-0,13	0,67*
13. Pouco importante tendo em conta todo o resto.	0,13	-0,08	-0,02	0,07	-0,06	0,27	0,01	0,66*
14. De poucas consequências.	0,05	0,01	0,11	0,08	0,15	0,10	0,05	0,60*
Número de Itens	6	6	6	6	5	5	3	5
Eigenvalue	7,3	4,6	3,4	2,7	2,1	2,0	1,8	1,5
% de variância explicada	17,2	10,0	7,8	6,2	4,9	4,6	4,1	3,5
Alfa de Cronbach (α)	0,85	0,86	0,77	0,79	0,79	0,78	0,80	0,72

Notas: * [0,50] (carga fatorial mínima considerada para interpretação dos componentes). Identificação dos componentes: I= vida do além; II = desconhecido; III = abandono; IV = coragem; V = dor e solidão; VI = fracasso; VII = fim natural e VIII = indiferença.

O primeiro componente reuniu 6 itens, com saturação variando de 0,81 (A própria ressurreição e recompensa) a 0,71 (União com Deus e eterna ventura). Apresentou valor próprio de 7,3; explicando 17,2% da variância total. A consistência interna deste fator foi aferida através do alfa de Cronbach, que resultou num coeficiente de 0,85. Denominando este componente vida do além.

O segundo componente agrupou seis itens, com saturação de 0,84 (O maior dos mistérios) a 0,65 (A maior ambigüidade entre as complexidades da vida). Seu valor próprio foi de 4,6 e explicou 10% da variância total. A consistência interna deste fator (alfa de Cronbach) foi de 0,86, sendo concebido desconhecido.

O terceiro componente agrupou cinco itens, tendo a saturação de 0,73 (Abandonar aqueles que amamos) a 0,59 (Deixar os que dependem de nós sujeitos às dificuldades da vida). Seu valor próprio foi de 3,4 explicando 7,8% da variância. A consistência interna (alfa de Cronbach) foi 0,77, sendo esse componente denominado de abandono.

O quarto componente reuniu cinco itens, com saturação de 0,75 (Uma oportunidade para uma grande realização) a 0,58 (Uma oportunidade para provar que lutamos por algo na vida). Seu valor próprio foi de 2,7 explicando 6,2% da variância. Seu alfa de Cronbach foi de 0,79, concebido coragem.

O quinto componente também reuniu cinco itens, com saturação de 0,79 (A última angústia e tormento) a 0,63 (O fim de um tempo de isolamento). Seu valor próprio foi de 2,1 e explicou 4,9% da variância. Seu alfa de Cronbach foi de 0,79 e foi denominado esse componente dor e solidão.

O sexto componente reuniu quatro itens, com saturação que variam de 0,77 (O fracasso pessoal na procura do sentido da vida) a 0,59 (O fim das nossas esperanças). Seu valor próprio foi de 2,0 explicando 4,6% da variância. Seu alfa de Cronbach foi de 0,78. Esse componente foi denominado fracasso.

O sétimo componente agrupou três itens, com saturação variando de 0,90 (Um aspecto natural da vida) a 0,70 (Uma experiência que chega a todos devido à passagem natural do tempo). Tendo como valor próprio 1,8; explicando 4,1% da variância. Seu alfa de Cronbach foi de 0,80. Sendo esse componente concebido fim natural.

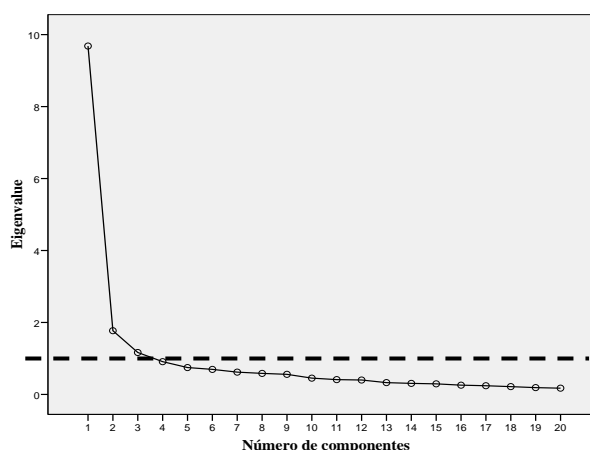
O oitavo componente agrupou 5 itens, com saturação variando de 0,69 (Nem temida nem bem vinda) a 0,60 (De poucas conseqüências). Seu valor próprio foi de 1,5, explicando 3,5% da variância. O seu alfa de Cronbach foi de 0,72, sendo denominado indiferença.

Escala de Atitude Religiosa

Para a análise dos resultados da religiosidade, foi verificada inicialmente a adequação de se realizar uma análise fatorial do conjunto de 20 itens que compõem a escala, o que foi confirmado através dos índices de KMO = 0,93, e o teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2(190) = 2397,06$, $p < 0,001$. Dessa forma, procedeu-se a uma análise dos componentes principais com rotação varimax sem fixar o número de dimensões *a priori*.

Conforme a figura 2, a escala parece ser unidimensional. Assim, o componente atendeu ao critério Kaise, apresentando *Eigenvalues* superiores a 1. Já o critério de Catell, indicado, na figura 2, sugere a presença de um componente 1, parecendo plausível assumir uma estrutura com 1 componente, o que explica 48,42% da variância total (tabela 2).

A escala de religiosidade reuniu 20 itens, com saturação variando de 0,80 (Participo das reuniões coletivas da minha religião/religiosidade) a 0,58 (Costumo ler livros que falam sobre religiosidade). Apresentou valor próprio de 9,7; explicando 48,4% da variância total. A consistência interna desse componente foi aferida através do alfa de Cronbach, que resultou em 0,94.

Figura 2. Representação gráfica dos *eigenvalue* de religiosidade**Tabela 2: Estrutura fatorial da escala de Atitude religiosa**

Itens	Componente
	1
09. Participo das orações coletivas da minha religião/religiosidade.	0,80
16. Costumo levantar os braços em momentos de louvores.	0,80
10. Freqüente as celebrações da minha religião/religiosidade.	0,79
03. Procuro conhecer as doutrinas ou preceitos da minha religião/religiosidade.	0,75
13. Extravaso a tristeza ou alegria através das músicas religiosas.	0,74
18. Bato palmas nos momentos dos cânticos religiosos.	0,74
08. A religião/religiosidade influencia nas minhas decisões sobre o que eu devo fazer.	0,72
06. Assisto a programas de televisão sobre assuntos religiosos.	0,72
19. Faço movimentos corporais para expressar a minha união com Deus.	0,71
17. Ajoelho-me para fazer minha oração pessoal a Deus.	0,70
12. Ajo de acordo com a minha religião/religiosidade prescreve como sendo correto.	0,69
01. Leio as escrituras sagradas (bíblia, ou outro livro sagrado).	0,68
05. Converso com a minha família sobre assuntos religiosos.	0,67
20. Danço com as músicas religiosas nas ocasiões de contemplações.	0,66
07. Converso com os meus amigos sobre as minhas experiências religiosas.	0,65
15. Quando entro numa igreja ou templo, despertam-me emoções.	0,64
11. Faço orações pessoais (comunicações espontâneas com Deus).	0,63
04. Participo dos debates sobre assuntos que dizem respeito à religião/religiosidade.	0,61
14. Sinto-me unido a um ser maior.	0,60
02. Costumo ler livros que falam sobre a religiosidade.	0,58
Número de itens	20
<i>Eigenvalue</i>	9,7
% da variância explicada	48,41
Alfa de Cronbach	0,94

Matriz Correlacional

Após definir as variáveis do estudo, procurou-se verificar as relações existentes entre as escalas de visões de morte e religiosidade (tabela 3).

Tabela 3: Correlação entre religiosidade e visões de morte

	Religiosidade
Vida do além	0,53***
Desconhecido	-0,05
Abandono	-0,07
Coragem	0,26***
Dor e solidão	0,10
Fracasso	-0,19**
Fim natural	0,17*
Indiferença	-0,01

* $p < 0,05$; ** $p < 0,001$; *** $p < 0,0001$

Com base na observação da tabela 3, verificou-se a existência de uma correlação positiva entre a religiosidade e a vida do além ($r = 0,53$; $p < 0,0001$), religiosidade e coragem ($r = 0,26$; $p < 0,0001$) e religiosidade e fim natural ($r = 0,17$; $p < 0,05$). Também foi constatada correlação negativa entre os componentes religiosidade e fracasso ($r = -0,19$; $p < 0,001$).

Discussão

Este estudo teve como finalidade observar as relações entre religiosidade e as visões de morte. Dessa forma, verificou-se uma correlação positiva entre a religiosidade e a morte como vida do além ($r = 0,53$; $p < 0,0001$). As religiões, de diferentes maneiras, procuram explicar a origem do ser humano, de onde vem, e o seu fim, para onde vai, advogando a crença em uma vida pós-morte bem como atribuindo uma conotação positiva à morte. Por exemplo, o cristianismo, que acredita na vida eterna após a morte física, alicerçando-se na doutrina de que todo ser humano é eterno (WILGES, 1986). Especificamente para a concepção cristã, Oliveira (2008) assevera que a morte é uma passagem para uma vida eterna e feliz. Martins (2007) relata que o homem através da sua fé em Deus encontra subsídios para acreditar que a morte traz alegria e felicidade, pois será o dia em que terá o encontro com o seu criador.

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo realizado por Nogueira e Pereira (2006) no qual encontraram associações positivas entre a crença na vida após a morte e o nível de religiosidade. Assim, compreende-se que um fator relevante que pode explicar esta associação diz respeito à especificidade da própria amostra, que foi constituída por 61,6% de católicos e 18,4% de evangélicos. Esses grupos, geralmente professam uma crença na vida eterna e concebem a morte de maneira positiva.

Um estudo realizado por Barros-Oliveira e Neto (2004) junto a freiras, estudantes de Teologia, estudantes de Educação Física e professores de ensino básico, constatou que a amostra de religiosos possuía uma maior crença em uma vida após a morte quando comparados aos estudantes de educação física e aos professores, atribuindo à religiosidade um papel preponderante.

Outra correlação observada no presente estudo foi entre a religiosidade e a subescala morte como coragem ($r = 0,26$; $p < 0,0001$). Aquelas pessoas que obtiveram altas pontuações na escala de atitude religiosa, também apresentaram maiores pontuações na visão da morte como coragem, ou seja a morte como: *Uma oportunidade para uma grande realização, Um tempo para recusar a humilhação e a derrota, Um teste ao compromisso em relação aos valores pessoais da vida, Um grande momento de verdade para si mesmo e Uma oportunidade para provar que lutamos por algo na vida.*

Este resultado corrobora com o estudo de Barros-Oliveira e Neto (2004) quando admitem que a religião pode amenizar o medo da morte. As pessoas religiosas percebem a morte com menos ansiedade, dessa forma, atribuem esse momento como uma possibilidade de transformar a morte em uma realização humana.

Verificou-se também uma correlação negativa entre a morte como fracasso e religiosidade para a amostra estudada: quanto maior o nível de religiosidade menor o grau de compreensão da morte como um fracasso ($r = -0,19$, $p < 0,001$), o que se assemelha com os resultados da pesquisa de Wink e Scott (2005). Para o ser humano pouco religioso, a morte é associada a um momento de fracasso, ou seja, o *fracasso pessoal na procura do sentido da vida, a destruição da última oportunidade de plena realização, a derrota na luta por ser bem sucedido e alcançar os objetivos e o fim das nossas esperanças.*

A maioria das doutrinas religiosas concebe a morte como um momento fundamental da vida do ser humano, pois determina a passagem para o além. Por outro lado, para o ser humano menos religioso, a morte pode tolher as realizações pessoais bem como seus projetos de vida. Segundo Frankl (2003), a morte em vez de aniquilar o sentido da vida, estimularia as ações responsáveis do ser humano, tendo em vista que a consciência da finitude faz com que o ser humano aproveite as possibilidades de sentido da vida alertando a consciência de não deixar passar os momentos em vão, aproveitando ao máximo as suas escolhas.

Para Valle (2005, p. 105):

A espiritualidade madura supõe conhecimento e aceitação dos próprios limites e possibilidades. Não é um ato de designação e sim uma atitude corajosa e humilde de alguém que sabe que sua vida é um projeto aberto ao ser mais, ao comungar mais, ao cuidar daquilo que precisa ser cuidado.

A morte teria uma função positiva: a de impulsionar o ser humano para a construção de um projeto de vida que tem sua completude na morte. Outra correlação encontrada foi entre a religiosidade e a percepção de morte como fim natural ($r = 0,17$; $p < 0,05$). O ser humano ao encontrar na religiosidade um sentido para a sua existência e finitude, abre-se para novas possibilidades e percepções, entendendo a morte, como já foi descrita anteriormente, de forma positiva. Ao tomar consciência da sua própria finitude, o ser religioso passa a entender a morte como um fim natural, tem em mente que a sua hora de partir chegará, pois isso faz parte do seu ciclo de vida.

Quanto maior o grau de religiosidade, maior a concepção de que a morte é uma experiência que chega para todos devido à passagem natural do tempo. Frankl (2003) aventa que ao nascer, o indivíduo é uma substância em sua totalidade, mas à medida que o tempo passa, perde-se cada vez mais a substância, e esta, por sua vez, vai se convertendo em fatos, vivências e sofrimentos, até chegar ao fim que se dá através da morte. Assim, quando o homem aceita a sua própria finitude através das doutrinas da

sua religião, ele entende que a vida precisa realmente ser vivida até o fim do seu ciclo. Para tanto, a religiosidade pode ajudar o ser humano a conceber a morte como um processo natural da vida.

Nogueira e Pereira (2006) concebem que as várias religiões oferecem diversos ângulos de perceber a morte. Dessa forma, a religiosidade tem cumprido um papel preponderante nas questões relativas às visões de morte, oferecendo aos indivíduos visões positivas da morte, tais como: vida do além, coragem e fim natural, proporcionando também uma menor percepção da morte como fracasso, o que conferiria um sentido para a morte.

Considerações Finais

Embora se considere que o objetivo da pesquisa tenha sido alcançado, torna-se necessário, neste momento, apontar algumas limitações do presente estudo. Considera-se que a amostra, por ter sido por conveniência, composta basicamente por estudantes universitários, não permite generalizações dos resultados aqui obtidos. Para tanto, sugere-se que este estudo seja replicado com outras amostras com o intuito de confirmar as associações aqui encontradas, bem como a inclusão de participantes de outros grupos religiosos. Pesquisas futuras podem investigar as relações entre ansiedade perante a morte e o nível de religiosidade, bem como as associações entre as diversas perspectivas de morte e a percepção de sentido da vida.

Referências

AGRA, Lúcia M.; ALBUQUERQUE, Luciana H. M. Tanatologia: uma reflexão sobre a morte e o morrer. *Pesquisa Psicológica*, Maceió, ano 1, n. 2. Janeiro. 2008. Disponível em: <http://www.pesquisapsicologica.pro.br>. Acessado em: 17 jul. 08.

AQUINO, T. A. A. Atitude religiosa e crenças dos alunos de psicologia. *Revista do Unipê. João Pessoa*, nº 9, 2005. p. 56 – 63.

ARIÉS, P. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARROS-OLIVEIRA, J. B.; NETO, F. Validação de um instrumento sobre diversas perspectivas da morte. *Análise Psicológica*, Portugal, n. 2, p. 355 – 367, 2004.
BOEMER. M. *A morte e o morrer*. São Paulo: Cortez, 1986.

CARVALHO, L. S.; OLIVEIRA, M. A.; PORTELA, S. C.; SILVA, C. A.; OLIVEIRA, A. C. P.; CAMARGO, C. L. A morte e o morrer no cotidiano de estudantes de enfermagem. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 551 – 557, out/dez. 2006.

COOGAN, M. D. *Religiões: História, tradições e fundamentos das principais crenças religiosas*. São Paulo: PubliFolha, 2007.

ESSLINGER, I. De quem é a vida afinal? Descortinando o cenário da morte no hospital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FERNANDES, C. Espiritismo. [S.N.: s.n.] 2008. Disponível em: <<http://www.espiritismo.com.br>>. Acessado em: 22 out. 2008.

FERREIRA, F. Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FRANKL, V. E. E. Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial. trad: CASTRO, A. M. 4 ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

KOVÁCS, M. J. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 8 ed. São Paulo, 1998.

MARTINS, Alexandre Andrade. Consciência de finitude, sofrimento e espiritualidade. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 04, n. 53, p. 174 – 178, abr/jun. 2007. Disponível em: <http://www.scamilo.ed.br/pdf/mundo_saude/53/04_consciencia_finitude.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2008.

MOEREIRA, Almir da Costa; LISBOA, Márcia Tereza Luz. A morte – entre o público e o privado: reflexões para a prática profissional de enfermagem. Revista de enfermagem, Rio de Janeiro, n.3, p. 447 – 454, set. 2006. Disponível em: <http://portalbvsnf.eerp.br/scielo>. Acessado em: 11 ago. 2008.

OLIVEIRA, E. R. A breve história do cristianismo. [S.L.: s.n.] 2008. Disponível em: <<http://www.vivos.com.br>>. Acessado em: 22 out. 2008.

OLIVEIRA, E. C. N. O psicólogo na UTI: reflexões sobre a saúde, vida e morte nossa de cada dia. Psicologia: Ciência e Profissão, 22(2), 30-41, 2002.

SCHARAMM, F. R. Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. Revista Brasileira de Cancerologia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 48, p. 17 – 20, janeiro. 2002. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/rbc/n_48/v01/pdf/opniao.pdf>. Acessado em: 13 ago. 2008.

SCHERER, B. As grandes religiões: temas centrais comparados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

SILVEIRA, H. A. A. A morte na visão africana. Jornal Bom Axé, 27, p. 12 Editora Ltda. Setembro (2007). Disponível em: <http://www.bomaxe.com.br/portal/index.php>. Acessado em: 22 out. 2008.

SPIILKA, B., STOUT, L., Minton, B., & SIZEMORE, D. Death and personal faith: A psychometric investigation. Journal for the Scientific Study of Religion, 16, 169-178. 1977

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. M. (Org.). Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2005. cap. 5.

WILGES, I. Cultura Religiosa. Petrópolis: Vozes, 1986.

Wink, P. & Scott, J. Does Religiousness Buffer Against the Fear of Death and Dying in Late Adulthood? Findings From a Longitudinal Study. *Journal of Gerontology: Psychological sciences*. 60B, (4), 207–214. 2005.

YUN, H. Ensinamentos fundamentais do budismo. [S.L.: s.n.] 2008. Disponível em: <<http://www.hsingyng-tharmanet.com.br>>. Acessado em: 22 out. 2008.